

ças como o farias contra um inimigo exterior. E nem é mesmo a pior ou a mais insignificante parte das tuas forças que assim opões a ti mesmo e se tornou independente de ti mesmo. O êrro, devo dizê-lo, vem de ti. Presumiste demasiado das tuas forças quando julgaste dispôr à vontade dos teus instintos sexuais e não seres obrigado a prestar conta das suas aspirações. Eles então revoltaram-se e seguiram as suas próprias vias obscuras afim de se subtrair à repressão, conquistaram o seu direito duma maneira que já não te podia convir. Não soubeste como o conseguiram, que vias escolheram; só o resultado deste trabalho, o sintoma, que se manifesta pelo sentimento que sentes, veio até ao teu conhecimento. Não o reconheces, então, como sendo o dos teus instintos repelidos e ignoras que é a sua satisfação substitutiva.

« Mas todo êste *processus* só é possível com uma condição: é que te encontres ainda em êrro sôbre um outro ponto importante. Julgas saber tudo o que se passa na tua alma, desde que seja suficientemente importante, porque a tua consciência to dirá. E quando não tens notícias duma coisa que existe na tua alma, admites com perfeita segurança que nada lá se encontra. Vais mesmo até tomares o «psíquico» como idêntico a «consciente», quer dizer, conhecido de ti, e isto apesar-das provas mais evidentes de que sem cessar se passam na tua vida psíquica muitas coisas que não se podem revelar à tua consciência. Deixa-te pois instruir sôbre êsse ponto.

« O psíquico não coincide em ti com o consciente; que uma coisa se passe na tua alma ou que dela sejas advertido, eis o que não é a mesma coisa. Convenho que, de ordinário, o serviço de informação feito à tua consciência deve bastar às tuas necessidades. Podes embalar-te na ilusão de que sabes tudo o que é mais importante. Mas em muitos casos, por exemplo, por ocasião dum conflito instintual, faz-te e então a tua vontade já não vai mais longe que o teu saber. Mas em todos os casos, estas informações da tua consciência são incompletas e muitas vezes pouco seguras; mais vezes ainda, sucede que tu não és informado dos acontecimentos senão quando já sucederam e portanto, quando já não os podes modificar. Mesmo quando não estás

doente, quem poderá saber tudo o que se move na tua alma, da qual nada sabes, ou sôbre a qual estás mal informado? Comportas-te como um monarca absoluto que se contenta com as informações que lhe são dadas pelos altos dignitários da côrte, e não desce até ao povo para ouvir a sua voz. Entra profundamente em ti mesmo e aprende primeiro a conhecer-te; compreenderás então porque cairás doente, e talvez o possas evitar ».

E' desta maneira que a psicanálise desejaria instruir o *eu*. Mas as duas luzes que ela nos dá: a saber, que a vida instintiva da sexualidade não poderá ser completamente domada em nós, e que os processos psíquicos são em si mesmos inconscientes só se tornando acessíveis e subordinados ao *eu* por uma percepção incompleta e incerta, equivalem afirmar que o *eu não é o dono da sua própria casa*. Constituem ambas a terceira humilhação do amor-próprio humano, a que chamarei *psicológica*. Que admira pois que o *eu* não simpatize com a psicanálise e se recuze teimosamente a ter fé nela!

Poucos homens, sem dúvida, reparam nisto: seria um passo pesado de consequências tanto para a ciência como para a vida prática, aceitar a hipótese de processos psíquicos inconscientes. Mas apressemos-nos a dizer que não foi a psicanálise que primeiro deu êste passo. Podem citar-se eminentes filósofos como seus precursores, e antes de qualquer outro, o grande pensador Schopenhauer, cuja vontade inconsciente equivale aos instintos psíquicos da psicanálise. De resto, êste mesmo pensador lembra aos homens, em palavras de extraordinário rigor, a importância sempre mal julgada das suas aspirações sexuais. A psicanálise teve unicamente a vantagem de não afirmar de modo abstracto estas duas proposições tão puníveis ao narcisismo, tanto a da importância psíquica da sexualidade como a da inconsciência da vida psíquica. Prova-as por meio dum material que interessa cada um em particular e que os obriga a tomar partido em face destes problemas. Mas é precisamente por causa disso que ela chama sôbre si a aversão e a resistência humanas, que perante o grande nome do filósofo se afastam ainda, assustados.